

APRESENTAÇÃO

Este décimo primeiro número do *Cadernos Pagu* encerra o ano de 1998 num momento particularmente crítico para a Universidade e, especialmente, para as Ciências Humanas. Talvez por isso a comemoração de cinco anos de publicação ininterrupta, contando com o apoio de diversas agências financiadoras, adquira especial sentido.

Neste número resolvemos promover um debate a respeito do uso da categoria gênero. Um dos objetivos era o de resgatar parte das diferentes trajetórias pelas quais os estudos de gênero foram introduzidos e polemicamente utilizados em diferentes áreas de conhecimento. Várias/os pesquisadoras/es foram convidadas/os a formularem uma breve reflexão sobre o tema, apresentando às/aos leitoras/es dificuldades e perspectivas encontradas a partir da clivagem teórico-política apresentada pelos estudos de gênero. Infelizmente nem todas/os as/os convidadas/os puderam participar, mas ainda assim os textos publicados são amplos e representativos.

Os artigos colocam em cena discussões sobre política de identidade, noções de subjetividade, abordam algumas interlocuções entre feminismo e teorias “pós-estruturalistas”, falam sobre a existência ou não da tensão entre corpo biológico e corpo simbólico, enfatizam o aspecto relacional das pesquisas sobre feminilidades e masculinidades, lançam um olhar crítico sobre os estudos de masculinidade e, sobretudo, fornecem preciosas referências bibliográficas. Não bastasse tudo isso, creio que uma das significações especiais deste debate é a afirmação do caráter histórico e plural da categoria gênero.

A tradução do artigo de Judith Butler é uma tentativa de difundir o pensamento de uma teórica bastante conhecida no exterior pela ousadia e envergadura epistemológica com a qual questiona o essencialismo da política identitária e a aversão aos embates teóricos de determinados grupos feministas. Política e teoria (feminista) são para a autora duas maneiras de exercício de poder, próximas o bastante para não serem pensadas de forma dicotômica e distintas o suficiente para que uma não subsuma a outra. Embora tenha se passado quase uma década após a primeira versão deste texto, penso não ser demais afirmar o frescor do embate ali travado. A noção de política como luta permanente entre fundamentos (sempre contingentes), que se renovam no contínuo ato de configuração do desejo, do corpo, etc., é reiterada nas obras posteriores da autora.

Em Masculinidades..., gênero continua em debate através de artigos que problematizam em especial a questão da produção cultural da masculinidade. Quatro destes artigos fizeram parte de três mesas-redondas organizadas por Peggy Sharpe e Mônica Raisal Schpun sobre o tema, durante o quarto congresso da BRASA – Brazilian Studies Association – realizado em Washington D.C. em novembro de 1997. As três mesas procuraram respeitar uma lógica temática, mas também um princípio de interdisciplinaridade, que incluiu pesquisadoras de literatura, história, sociologia e antropologia. A partir dos trabalhos apresentados, foram compostos dois dossiês, o primeiro dos quais está sendo aqui publicado. Trata-se dos artigos de Maria José Somelarte Barbosa, Maria Angélica Lopes, Maria das Dores Campos Machado e Lia Zanotta Machado. Num segundo momento, está prevista a publicação das demais comunicações apresentadas na ocasião. Ficarão então completo o projeto inicial, de compor um olhar abrangente sobre a problemática em questão, trazendo à confrontação a diversidade teórica e analítica existente nas diferentes disciplinas. Evidentemente, um exercício desse tipo esbarra em limites conjunturais, ligados à participação, nem sempre possível, em

Trajetórias do gênero, masculinidades...

congressos, o que deixa uma parte inevitável ao acaso. Mesmo assim, a riqueza e variedade dos trabalhos apresentados valida a iniciativa, que expressa aspectos da pesquisa contemporânea nem sempre suficientemente visíveis, aproximando pesquisadoras/es que, pela distância física ou pelas fronteiras entre disciplinas, nem sempre têm condições de confrontar seus trabalhos. Graças à possibilidade de publicação desses dossiês, pôde-se ultrapassar, de certo modo, o limite conjuntural dado pelo Congresso, alargando assim o alcance do debate.

Há também uma “conversa”, bastante casual, nem por isso menos densa, com o antropólogo português Miguel Vale de Almeida, que relata passagens importantes da sua relação com a Antropologia e com os estudos sobre masculinidade.

Fechando este número, três artigos abordam feminilidades... em diferentes tempos históricos e as relações de poder daí advindas, seja no interior de estilos e retóricas literárias, seja nas artimanhas jurídicas da relação com o patrimônio familiar.

As três resenhas cumprem a função de trazer ao público reflexões críticas sobre obras e revistas nacionais e estrangeiras que se ocupam, de alguma forma, com questões de gênero.

Com tal organização, esta edição do *Cadernos Pagu*, muito mais do que nos tranquilizar – quando os temas em pauta são gênero, sexualidade, masculinidades, feminilidades, corpo, prazer... –, renova o compromisso inicial de estimular uma perspectiva crítica, cultivando a pluralidade de posturas teórico-políticas.

A realização deste número implicou no comprometimento de várias pessoas: autoras/es, pareceristas, conselheiras/os, membros do *Pagu*, a todas/os o meu agradecimento, em especial, a Adriana Piscitelli e Lara Beleti, que participaram, ou melhor dizendo, co-editaram este número do *Cadernos Pagu*, certamente indo muito além do repasse de informações técnicas, a Peggy Sharpe e a Mônica Schpun, pelo trabalho junto às autoras do Dossiê BRASA 97, a Maria Lygia Quartim de Moraes, pelo seu especial empenho na obtenção de financiamento para este número, e a Plínio Dentzien, pela colaboração na revisão dos *abstracts*.

Karla Adriana Martins Bessa